



CADÊ O ABACAXI? BIOLOGIAS MÍNIMAS EM PAISAGENS INVENTADAS

Juliana Anselmo Florêncio*¹

Rafaeli Antonio Saibro*²

Raquel Rohden*³

Tais Cristina Gehlen*⁴

Orientadoras:

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento*⁵

Marinilde Tadeu Karat*⁶

Eixo temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

*“Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.
Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis”*

Manoel de Barros, 2015, p.136

A história deste trabalho começou pouco tempo depois do início do ano letivo de 2017 no Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis, com a chegada do subprojeto de Biologia do PIBID UFSC. Nasceu, sem demora, uma parceria entre o PIBID e duas professoras de Biologia do IEE. Os encontros com elas, com colegas bolsistas de iniciação à docência e com os deslocamentos das nossas percepções das biologias marcaram (e ainda marcam) nossas quartas-feiras pela manhã. A partir dos olhares que as professoras vinham colocando sobre a ecologia em seu planejamento das aulas dos primeiros anos do Ensino Médio, especificamente nas interações dos pequenos animais entre si e com as plantas, trilhamos caminhos em direção às coisas pequenas, mínimas. Cabe dizer, no entanto, que tais caminhos não estavam dados, foram *inventados* pelo coletivo vivaz formado com os encontros contados no início deste texto. Os caminhos de criação foram, então, outros, que

¹ Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso de Ciências Biológicas. E-mail: <vocaju@hotmail.com>

² Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso de Ciências Biológicas. E-mail: <saibroraf@gmail.com>

³ Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso de Ciências Biológicas. E-mail: <raquel.rhdn@gmail.com>

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso de Ciências Biológicas. E-mail: <taiscgehlen@gmail.com>

⁵ Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Biologia do Instituto Estadual de Educação (Florianópolis, Santa Catarina). E-mail: <arianamsarmiento@gmail.com>

⁶ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGECT/UFSC). Professora de Biologia do Instituto Estadual de Educação (Florianópolis, Santa Catarina). E-mail: <mtkarat@gamil.com>



não os da biologia escolar tradicional. Inventar, para Rosane Preciosa (2010, p. 76, grifo nosso),

é *movimentar-se* no território radical do inesperado, que nos desarticula completamente. E a própria figura humana experimenta um inevitável colapso, isso porque aquela subjetividade foi desacomodada daquele lugar que costumava habitar.

Partindo de nossos próprios *movimentos* de encontro e desencontro com as biologias, construímos uma sequência pedagógica que buscou abrir brechas para que os estudantes também se desacomodassem, movimentassem, com seus corpos e sentidos à um lugar de autoria, de invenção de paisagens repletas de biologias mínimas, aquelas não vistas ou ignoradas, criando, cada um, sua “naturezinha particular/ tão pequena que coubesse na ponta do [...] lápis” como diz Manoel de Barros (2015, p.136) na epígrafe deste texto.

O registro esteve em evidência nas práticas desenvolvidas e tanto ele quanto os olhares para pequenezas tiveram sua inspiração inicial nos modos de escrever e ilustrar de naturalistas, que viveram em suas viagens “movimento, partida e chegada. E em meio ao deslocamento... *olhar*. Mas não olhar de qualquer jeito, ou para qualquer coisa, mas um olhar interessado, comprometido” (AMARAL, 2015. p. 209). Ao atentarmos para os registros de naturalistas e seu olhar interessado, percebemos, mais uma vez, sua importância para a história da ciência e a partir deles, exploramos também a importância dos registros da arte, literatura, cultura. Procuramos contar aos estudantes sobre esta importância levando para a sala de aula/laboratório diversos materiais: de artistas, escritores, naturalistas e povos tradicionais, evidenciando as maneiras distintas existentes de se perceber as miudezas do mundo e registrá-las.

Objetivamos, com as atividades realizadas na escola, deslocar a percepção dos alunos para as biologias mínimas do cotidiano, compreender a importância dos registros para a história da ciência, da cultura, da literatura e da arte e estimular a criação de registros por parte dos alunos, buscando encontrar com eles o lugar da autoria, necessário para a invenção das paisagens.

A sequência pedagógica foi realizada com cerca de duzentos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, em três semanas, no segundo trimestre letivo de 2017 e se deu da seguinte maneira:

Aulas 1 e 2: No início da primeira aula foram entregues pergaminhos (papel envelhecido feito por bolsistas do PIBID), um para cada estudante, contendo palavras



(acolhimento, tempo, estranhamento, entre outras) que tinham por objetivo *ativar* os sentidos, a percepção, para o filme que seria exibido em seguida. O filme era *La Belle Verte*, da diretora Coline Serreau (1996). Após a exibição do filme foi feita uma roda de conversa para que as pessoas compartilhassem suas percepções dele, especialmente em relação às palavras contidas nos pergaminhos.

Aula 3: Esta aula trouxe, de forma expositiva, diversos trabalhos realizados por pessoas que olhavam para as miudezas do cotidiano e do fantástico, com maneiras distintas de registrá-las: Naturalistas como Margareth Mee, Maria S. Merian e Fritz Muller com suas ilustrações e descrições dos ambientes, mescladas com histórias do Povo Ticuna e o reconhecimento da oralidade como registro do mundo e, ainda, com os registros de seres fantásticos feitos por Franklin Cascaes e Walmor Corrêa.

Aulas 4 e 5: Nestas aulas os estudantes receberam cadernos (também em papel envelhecido, confeccionados por bolsistas do PIBID) para que, da maneira que preferissem, inspirados ou não pelas formas de perceber e registrar o mundo com as quais entraram em contato nas aulas anteriores, realizassem registros e construíssem paisagens mínimas, por meio de escritas, desenhos, colagens. Para abrir frestas no processo criativo, foi montada uma caixa que continha diversas inspirações (livros, imagens, objetos) trazidas pelos bolsitas e também por estudantes.

Aulas 6 e 7: Nestas aulas, os estudantes fizeram uma expedição à praça XV de Novembro, localizada no centro histórico de Florianópolis. A proposta da expedição era tornar evidentes coisas pequenas da praça, muito frequentada pelos estudantes, mas que passam despercebidas no cotidiano. Para isso, foram utilizadas placas com frases, postas em locais específicos. Algumas eram convites, como um chamado para a busca do silêncio em meio ao caos, ou a olhar com os olhos do dedão do pé. Outras eram desafios, como encontrar um boi na praça, ou o abacaxi, que tomava forma em um monumento no centro da praça. Após a caminhada pela praça, os estudantes sentaram nos bancos com seus cadernos para registrar o que lhes havia tocado nos movimentos da expedição.

Aula 8: Esta aula foi um fechamento da sequência, na qual os estudantes puderam avaliar as práticas realizadas.

Os resultados deste trabalho foram muitos. Sem dúvida o impacto na formação dos bolsistas aparece como um dos primeiros, já que esteve presente desde o início dos encontros. Este impacto pode ser entendido como uma inauguração da possibilidade de não fazer na



escola o que na escola sempre se faz. Enquanto bolsistas do PIBID, pensamos, planejamos e fizemos, junto com os estudantes, biólogas outras. Tal evento abre precedentes de transgressão na formação e futura atuação na escola. Também há destaque na importância de constituir o coletivo e do modo, por assim dizer, deslocado, com que se deu a construção do trabalho, nos transformando e fazendo de nós, assim como das biólogas, outras.

Também existem, como resultado riquíssimo, os cadernos onde os estudantes registraram suas paisagens. Estes cadernos nos trouxeram pistas sobre as reverberações do processo nos estudantes e, portanto, no alcance dos objetivos. Não há dúvidas de que muitos se entregaram aos mínimos e registraram em seus cadernos. Outros nem tanto. Outros, nada (ao menos em registro). Outros ainda, registraram coisas jamais esperadas. Esta heterogeneidade confere riqueza.

A partir deste material, montamos uma exposição no laboratório de Biologia do IEE, que ocorreu em setembro de 2017. Dada a quantidade de material, decidimos fotografar os cadernos, garantindo que houvesse ao menos uma foto de cada um. As fotos foram recortadas e rasuradas para compor a exposição. Os insetos desenhados foram colocados em caixas entomológicas. Os pássaros ficaram voando no teto. As folhas, galhos e flores se tornaram exsiccatas. As escritas ocuparam um varal, com destaque. Árvores, luminárias, sapatos e caixas de medicamento compuseram uma paisagem mesclada de elementos humanos e vegetais. Os elementos fantásticos ficaram no chão. Frases escorriam pelas torneiras. Papéis em branco ocuparam as paredes para que as pessoas que visitassem a exposição deixassem seus registros das sensações em passarem por ali. Os registros foram muitos.

A exposição ecoou na escola. Os estudantes que participaram do desenvolvimento das aulas trouxeram em suas falas avaliações positivas assim como outras turmas, que se mostraram empenhadas na busca pelo abacaxi e na atenção para miudezas. Ainda, a coordenação pedagógica e docentes de outros laboratórios prestigiaram a exposição, ocupando o espaço do laboratório de Biologia, no qual muitos jamais haviam estado.

Palavras-chave: Ambiente e imagem. Ensino de biologia. Percepção. Registro.

Referências



AMARAL, Marise Basso. Viagem e escrita na construção da paisagem. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso et al. (Org.). **Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 207-215.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 168 p.

LA belle verte. Direção de Coline Serreau. França: 1996. 99 min. son. color. Legendado. Port.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade - Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010. 96 p.